

“Não têm lugar como Minas Gerais”: Representações, pertencimento e imaginário geográfico na canção d’O Terno

“Nowhere like Minas Gerais”: Representations, Belonging and Geographic Imaginaries in O Terno’s Song

“No hay lugar como Minas Gerais”: Representaciones, pertenencia e imaginario geográfico en la canción de O Terno

Luis Otávio Vilela da Cruz – luisvilelajuridico@outlook.com
PUC MG, Legale Educacional
Orcid : <https://orcid.org/0009-0000-8416-1319>

Resumo

Este artigo analisa a canção “*Minas Gerais*”, da banda O Terno, como dispositivo de representação territorial e afetiva no contexto da Geografia Cultural. A partir de aportes da geografia humanista, dos estudos sobre imaginário e das territorialidades afetivas, examina-se como a música constrói um pertencimento simbólico ao espaço mineiro, mesmo quando o sujeito-lírico não é originário do estado. São discutidos elementos da mineiridade, como paisagens montanhosas, religiosidade e rituais cotidianos, relacionando-os às categorias de escala, memória e identidade. A análise interdisciplinar revela que a música configura um território emocional e cultural, em que experiências familiares e vínculos simbólicos reconfiguram o espaço geográfico.

Palavras-chave: Geografia Cultural; Música; Minas Gerais; Territorialidade Afetiva; Imaginário.

Abstract

This article examines the song “*Minas Gerais*” by the Brazilian band O Terno as a device of territorial and affective representation within the scope of Cultural Geography. Drawing on humanistic geography, affective territorialities, and symbolic imaginaries, it explores how the lyrics construct symbolic belonging to Minas Gerais, even when the lyrical subject is not originally from the region. The study discusses elements of “mineiridade” such as mountain landscapes, religiosity, and daily rituals, linking them to concepts of scale, memory, and identity. This interdisciplinary approach reveals the song as an emotional and cultural territory, where family experiences and symbolic bonds reconfigure geographic space.

Key words: Cultural Geography; Music; Minas Gerais; Affective Territoriality; Imaginary.

Resumen

Este artículo analiza la canción “*Minas Gerais*” del grupo brasileño O Terno como un dispositivo de representación territorial y afectiva en el campo de la Geografía Cultural. A partir de la geografía humanista, las territorialidades afectivas y los estudios del imaginario simbólico, se examina cómo la letra construye un sentido de pertenencia simbólica a Minas Gerais, incluso cuando el sujeto lírico no es originario del estado. Se discuten elementos de la “mineiridad”, como los paisajes montañosos, la religiosidad y los rituales cotidianos, vinculándolos a las nociones de escala, memoria e identidad. El enfoque interdisciplinario revela que la música configura un territorio emocional y cultural, donde las experiencias familiares y los lazos simbólicos reconfiguran el espacio geográfico.

Palavras-chave: Geografia Cultural; Música; Minas Gerais; Territorialidad Afectiva; Imaginario.

Recebido em: 11/07/2025 Aceito em: 22/09/2025 Publicado em: 09/11/2025
--

Introdução

O estado de Minas Gerais ocupa lugar central no imaginário geográfico brasileiro, frequentemente representado por imagens que evocam tradição, religiosidade, interiorização e afetividade. A cultura musical, ao lado de outras expressões simbólicas, constitui um dos vetores que contribuem para a construção e a difusão desses imaginários, oferecendo interpretações, críticas e ressignificações do território. A canção “*Minas Gerais*”, da banda O Terno, insere-se nesse contexto como uma manifestação artística contemporânea que dialoga ironicamente com os estereótipos e idealizações do espaço mineiro.

Formada em São Paulo no início da década de 2010, a banda O Terno destaca-se no cenário independente brasileiro por sua combinação de referências da música brasileira dos anos 1960 e 1970 com uma linguagem moderna, sarcástica e melódica (Antunes, 2016). Composta originalmente por Tim Bernardes, Guilherme d’Almeida e Gabriel Basile, a banda lançou seu terceiro álbum, *Melhor do Que Parece*, em 2016, reunindo faixas marcadas por lirismo existencialista e crítica social (Revista NOIZE, 2017; Sobota, 2018). A música “*Minas Gerais*”, faixa que integra esse disco, tem despertado interesse por sua abordagem crítica e simbólica sobre o estado mineiro, revelando camadas discursivas que ressignificam o espaço geográfico a partir da linguagem musical.

A Geografia Cultural, campo consolidado nas últimas décadas no Brasil, fornece aportes teóricos fundamentais para compreender como os discursos artísticos se relacionam com o espaço e o território (Corrêa; Rosendahl, 2005; Claval, 2012). Através da música, é possível acessar significados e representações que, embora simbólicos, possuem materialidade na forma como o território é vivido, apropriado e representado socialmente (Tuan, 1980; Santos, 2006).

Nesse sentido, a presente análise propõe-se a investigar de que maneira a canção “*Minas Gerais*” expressa uma crítica às construções idealizadas do estado mineiro, e como essa crítica se articula ao espaço geográfico enquanto campo simbólico e político. A partir da abordagem qualitativa e interpretativa, com base na análise discursiva e no referencial da Geografia Cultural, busca-se revelar como elementos poéticos, irônicos e afetivos presentes na letra da música tensionam a imagem tradicionalmente associada a Minas, inserindo-a em um debate mais amplo sobre identidade territorial, memória e pertencimento (Haesbaert, 2004; Corrêa, 2017).

A interdisciplinaridade entre Geografia e Música permite evidenciar o espaço não apenas como suporte físico, mas como construção cultural contínua, onde o som e a palavra tornam-se instrumentos de territorialização simbólica. Ao reconhecer a canção como linguagem geográfica possível, este trabalho contribui para o alargamento das fronteiras epistemológicas da Geografia, valorizando as manifestações artísticas como formas legítimas de produção de conhecimento sobre o espaço.

Desenvolvimento

1 Fundamentos conceituais: território, espaço e escala geográfica

A compreensão dos conceitos de território, espaço e escala é basilar para a análise geográfica contemporânea, uma vez que esses elementos constituem as principais categorias de interpretação das dinâmicas espaciais, sociais e econômicas que configuram o mundo atual. Compreender suas nuances é fundamental não apenas para fins acadêmicos, mas para intervenções práticas no planejamento territorial e na gestão do espaço geográfico.

1.1 Espaço geográfico: produção e apropriação

O espaço geográfico é, na Geografia, concebido como o palco onde se expressam as relações sociais, econômicas, políticas e culturais. Ele não é apenas um cenário inerte, mas um produto da ação humana histórica. Conforme Milton Santos (1996), o espaço geográfico é um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de sistemas de ações, significando que a materialidade (infraestruturas, edificações, meios de transporte) está intrinsecamente relacionada aos usos sociais que se faz desses objetos.

Portanto, o espaço não é neutro nem homogêneo. Ele é produzido por diferentes agentes — Estado, empresas, indivíduos — em ritmos e intensidades distintas. Tal processo resulta em espaços fragmentados, desiguais, mas também dotados de sentido e intencionalidade. As desigualdades espaciais são, assim, o reflexo das desigualdades sociais e econômicas, reforçando a importância de se analisar o espaço como construção social.

1.2 Território: poder, domínio e identidade

O conceito de território é tradicionalmente vinculado à ideia de poder, domínio e controle sobre uma determinada porção do espaço. Na perspectiva clássica, o território é definido a partir da soberania do Estado sobre uma área delimitada por fronteiras. Contudo, a Geografia crítica amplia essa definição ao incorporar dimensões simbólicas e sociais do território, considerando-o um produto da ação humana mediado por relações de poder, cultura e afetividade.

Claude Raffestin (1993) propõe uma abordagem relacional, na qual o território é compreendido como o espaço produzido por um ator social a partir de relações mediadas por energia, informação e poder. O território, nessa perspectiva, não é dado, mas construído: ele emerge da apropriação do espaço pelo sujeito, que imprime nele marcas, sentidos e regulações. Essas mediações ocorrem por meio de técnicas, práticas cotidianas e representações que organizam e hierarquizam o espaço vivido. Assim, o território é uma produção que implica ordenamento funcional, mas também simbólico, cultural e subjetivo.

Para Raffestin (1993), o território é sempre relacional, implicando múltiplas escalas: do corpo ao Estado, da casa à nação. Em cada uma dessas escalas, o território reflete vínculos de poder e identidade, podendo ser vivido de forma afetiva, como na noção de “espaço apropriado emocionalmente”. É nesse sentido que o autor distingue o espaço geométrico do território relacional — o último sendo aquele investido de sentido, de memória e de desejo.

Esse entendimento permite avançar sobre noções tradicionalmente rígidas de territorialidade, incluindo fenômenos como os "territórios afetivos" e as "identidades territoriais", conforme discutem Haesbaert (2004) e Tuan (1980).

O território não é apenas domínio — é também enraizamento, projeção simbólica e campo de significados. Espaços de vivência, como o lar, o bairro, ou mesmo uma cidade visitada regularmente, podem se tornar territórios por meio da memória, da convivência e do afeto.

1.3 Escala geográfica: articulação entre o local e o global

A noção de escala geográfica remete à forma como se observa e interpreta os fenômenos espaciais em diferentes níveis de análise. As escalas mais usuais vão do local ao global, passando pelo regional e nacional. A escolha da escala influencia diretamente na interpretação dos fenômenos geográficos, uma vez que diferentes processos se revelam ou se ocultam conforme a escala adotada.

Segundo autores como Swyngedouw (1997), a escala não é apenas um dado técnico (como nos mapas), mas uma construção social e política. Determinar a escala de análise é, portanto, uma decisão teórica e metodológica com implicações epistemológicas. Por exemplo, as dinâmicas do agronegócio brasileiro só são completamente compreendidas quando se articula a escala local da produção à escala global do mercado de commodities.

Além disso, a multiescalaridade tem se tornado uma abordagem cada vez mais necessária nas análises contemporâneas, dado o entrelaçamento entre processos globais (como o neoliberalismo e as mudanças climáticas) e realidades locais. As ações locais são influenciadas por lógicas globais, e vice-versa, reforçando a necessidade de um olhar articulado entre escalas.

1.4 Inter-relações entre território, espaço e escala

Embora os conceitos de território, espaço e escala sejam distintos, eles se inter-relacionam profundamente na análise geográfica. O território é uma forma de apropriação e uso do espaço, frequentemente regulada por lógicas de poder. Já a escala determina o enquadramento analítico desses usos e apropriações.

Por exemplo, políticas públicas territoriais (como o Zoneamento Ecológico-Econômico) mobilizam uma concepção técnico-política do território, utilizando escalas específicas para planejar o uso do espaço. Da mesma forma, conflitos territoriais, como os relacionados à expansão urbana sobre áreas de preservação ambiental, envolvem disputas pelo espaço e pela definição da escala de regulação mais adequada (municipal, estadual, federal).

Portanto, um olhar geográfico que articule esses três conceitos permite uma análise mais abrangente e crítica dos processos espaciais, oferecendo instrumentos teóricos e metodológicos robustos para a compreensão das dinâmicas socioespaciais contemporâneas.

2 Imaginário geográfico e representações culturais de Minas Gerais

2.1 O imaginário geográfico e suas dimensões simbólicas

Na Geografia Cultural, o imaginário geográfico é compreendido como o conjunto de representações, símbolos e afetos que configuram a percepção de um

lugar, mediando vínculos entre indivíduo, território e sociedade (Tuan, 1980; Claval, 2012). Essas representações não se limitam à cartografia ou à paisagem física; envolvem percepções identitárias construídas coletivamente e difusas no cotidiano.

No caso de Minas Gerais, seu imaginário é profundamente marcado por elementos como a tradição barroca, a religiosidade, o interiorismo, os doces e o “jeitinho mineiro”, bem como pelas paisagens montanhosas e pela hospitalidade (O Tempo, 2025, online). Esses traços tornam-se símbolos territoriais, capazes de sustentar narrativas sobre cidadania, cultura e pertença.

2.2 Representações midiáticas e patrimoniais

As representações de Minas são amplamente disseminadas por notícias, exposições e projetos culturais que articulam natureza, história e cultura. A mostra “*Estado da Arte: o imaginário mineiro*”, por exemplo, foi recentemente promovida pelo Ministério da Cultura e a Cemig, reunindo instalações interativas que permitem “passear por Minas e seus ícones” (Viva Minas, 2025, online). Ao valorizar símbolos regionais como o barroco, o folclore e o patrimônio natural, a iniciativa reforça dimensões do imaginário oficial, destacando sua importância no turismo e na construção de identidades coletivas.

Outro exemplo está no reconhecimento internacional de Inhotim como “o maior museu a céu aberto do mundo”, posicionando Minas como polo de arte contemporânea e natureza (Sá, 2018, p. 132). Esses projetos atuam como vetores simbólicos, influenciando significativamente como a população interna e externa se relaciona com o estado.

2.3 Tradição, ruralidade e festivais do imaginário popular

O imaginário mineiro também se nutre das manifestações populares, manifestadas em festas, folclore e práticas cotidianas ligadas ao hábito de receber. O Governo estadual mapeia tradições como Congado, Folia de Reis, festas juninas e ofícios — formas culturais presentes em jornais e portais regionais (Machado, 2025).

A gastronomia expressiva — pão de queijo, feijão tropeiro, docinhos típicos — e o imaginário rural se mesclam, construindo uma narrativa de interior afetivo e ancestralidade (Machado, 2025). Esse conjunto de símbolos fortalece uma imagem afetiva de Minas, consolidando sua posição no repertório nacional e internacional.

2.4 Tensões e ressignificações contemporâneas

Apesar da força histórica do imaginário tradicional de Minas Gerais, constituído por imagens como a religiosidade barroca, a hospitalidade e a introspecção montanhosa, observa-se nas últimas décadas uma tensão crescente entre esse legado simbólico e as dinâmicas contemporâneas que reconfiguram o território cultural mineiro. Essa cisão não representa uma negação da tradição, mas uma tentativa de reposicionamento da identidade mineira em um cenário mais plural, urbano e cosmopolita. A leitura contemporânea desafia a

cristalização simbólica do “mineiro do interior” e propõe novas formas de representação e pertencimento.

Reportagens recentes, como a de Werkema (2025), demonstram que o estado de Minas Gerais passou a promover institucionalmente uma valorização integrada de seus patrimônios natural e cultural, não mais como elementos fixos de um passado, mas como expressões dinâmicas e atualizáveis da identidade regional. A matéria enfatiza que as paisagens naturais, os saberes tradicionais e os modos de vida interioranos são agora mobilizados como instrumentos de sustentabilidade e inovação, sendo ressignificados como parte de um projeto cultural contemporâneo.

No mesmo sentido, a análise publicada pelo portal N3 News (2025) evidencia uma mudança de perspectiva sobre a imagem pública de Minas Gerais. Historicamente associado ao atraso, ao conservadorismo e ao distanciamento dos centros dinâmicos, o estado tem reconfigurado esse imaginário ao afirmar-se como polo de criatividade, resistência e complexidade identitária. O próprio enunciado da reportagem sintetiza essa transformação: “Minas Gerais ressignifica sua identidade cultural”, indicando que a modernidade não mais exclui o tradicional, mas o integra em novas formas discursivas (N3 News, 2025, online).

Essa tensão entre permanência e ruptura também se expressa nas manifestações culturais contemporâneas, particularmente nas linguagens musicais. Canções como “*Minas Gerais*”, da banda O Terno, deslocam a representação simbólica do estado ao mesclar afetividade, crítica e ironia em uma estética moderna e urbana. Não há ali o bucolismo estereotipado nem a celebração vazia do passado, mas uma paisagem subjetiva marcada por ambivalência, saudade e deslocamento — signos de uma geografia afetiva em trânsito.

Artistas e produtores culturais têm operado um duplo movimento: por um lado, resgatam referências tradicionais (gastronomia, religião, festividades, oralidades); por outro, aplicam-lhes reinterpretações críticas, performáticas ou experimentais, tensionando a própria noção de mineiridade. Isso se observa em festivais culturais urbanos como o “*Festival Transborda*” e as ocupações artísticas de espaços públicos em Belo Horizonte, que mobilizam novos imaginários sem abdicar da história, mas reformulando-a desde as margens e periferias do discurso hegemônico (Motta, 2018).

No campo da geografia humanista e cultural, essa ressignificação pode ser compreendida como produção de novos “lugares simbólicos” (Tuan, 1980; Claval, 2012), nos quais as identidades são performadas a partir de camadas múltiplas de sentido. O espaço mineiro, nesse contexto, é vivido e representado simultaneamente como memória e como projeto. As manifestações culturais não apenas refletem essas contradições, mas também as constroem: são dispositivos de produção territorial e de reencantamento do pertencimento.

A tensão simbólica entre o passado colonial e a urgência de se afirmar contemporâneo desdobra-se também em políticas públicas e narrativas institucionais. Os documentos de promoção turística e cultural de Minas têm se distanciado de uma abordagem meramente patrimonialista, abrindo espaço para narrativas de juventude, inovação e diversidade. A cultura alimentar, por exemplo, passa a ser tematizada não só como herança, mas como campo de

experimentação, diversidade e conexão global – mantendo a base identitária, mas operando transformações discursivas significativas.

2.5 *Conexão com o pólo de análise da canção*

Dessa forma, a canção “*Minas Gerais*” de O Terno insere-se em um contexto imagético em que o estado é reconhecido por sinais simbólicos fortes – barroco, interior, culinária, hospitalidade, folclore. Ao articular ironia, sarcasmo e crítica, a letra lida diretamente com essas dimensões, desconstruindo-as e introduzindo tensões interpretativas.

No subtópico seguinte, iremos explorar como aos versos da canção confrontam o imaginário hegemônico, sinalizando dissonâncias entre imagem coletiva e identidade contemporânea. Isso permitirá um exercício geográfico: compreender como a música opera como linguagem simbólica que ressignifica espaços afetivos e identitários.

3 “*Minas Gerais*”: lugares de memória e afetividade na canção de O Terno

A canção “*Minas Gerais*”, composta por Tim Bernardes e interpretada pela banda O Terno, é uma manifestação simbólica que tensiona, afirma e atualiza o imaginário geográfico mineiro. Sua letra opera como uma narrativa afetiva que mobiliza topônimos, hábitos, paisagens e sensações vinculadas ao território de Minas Gerais, construindo um texto lírico carregado de memórias individuais e coletivas. Nessa perspectiva, a música emerge como uma linguagem potente de representação do espaço, inscrevendo-se na tradição da Geografia Cultural ao articular sentimentos e lugares (Tuan, 1980).

3.1 *A topofilia e o afeto como dispositivos espaciais*

Desde o primeiro verso – “Não tem nenhum lugar que eu goste mais / Do que as montanhas de Minas Gerais” (O Terno, 2016) – a letra convoca um sentimento que Yi-Fu Tuan (1980) denomina *topofilia*: o vínculo afetivo entre sujeito e lugar. Ao eleger as montanhas como paisagem preferida, o eu-lírico constrói uma cartografia emocional que transcende o espaço físico e penetra no campo simbólico. Essa preferência não é apenas estética; ela está carregada de experiências vividas, que o autor deseja reviver “quando for velho”.

O relevo montanhoso de Minas Gerais é um marcador geográfico e cultural, sendo símbolo da mineiridade, conforme discute Ramalho (2015). Regiões como a Serra do Cipó, a Serra da Canastra e os arredores de Ouro Preto compõem paisagens icônicas que evocam a interiorização, o refúgio, a religiosidade e a introspecção – atributos amplamente associados ao imaginário regional (Claval, 2012).

3.2 *A cidade como memória: o caso de Diamantina*

No verso “De uma colina poder enxergar / Diamantina e então me lembrar” (O Terno, 2016), a música transforma a cidade em um espaço de reminiscência. Diamantina, patrimônio cultural da humanidade, não é referida

por acaso: seu traçado colonial, suas ladeiras íngremes e seu patrimônio barroco funcionam como ícones da história e da estética mineira. A cidade torna-se, aqui, um *lugar de memória* (Nora, 1989), onde o eu-lírico ativa lembranças da juventude (“De quando eu era um jovem rapaz”).

A escolha de uma colina como ponto de vista insere a perspectiva espacial no imaginário afetivo. Segundo Silva (2013), a paisagem mineira é marcada por elevações que permitem visadas longas e contemplativas — um tipo de experiência sensorial que contribui para a construção de identidades territoriais (Castellar; Juliasz, 2017). A cidade, vista de cima, torna-se mais que local físico: converte-se em mapa afetivo da juventude, como sublinha Arroyo (2002) ao tratar da relação entre memória musical e território.

3.3 Cotidiano e simbolismo: o bar, o café, a igreja

A sequência de versos que descreve momentos cotidianos — “Ouvir de longe o sino tocar / Tomar cachaça sentado no bar / Um vento frio / Céu azul / No fim de tarde, um pão com café / De noite um caldo num beco qualquer” — articula práticas comuns ao cotidiano mineiro com grande carga simbólica. O sino remete à religiosidade barroca; a cachaça, à tradição produtiva rural; o pão com café e o caldo, à culinária afetiva que estrutura rituais de convívio.

Como destaca Bomfim et al. (2016), a alimentação mineira é mais que subsistência: é linguagem simbólica. Comer um caldo num beco qualquer remete tanto à informalidade quanto à familiaridade dos espaços urbanos interioranos. O ato de escutar o sino ao longe sugere uma ambiência sonora típica de cidades históricas como São João del-Rei ou Tiradentes, onde o tempo é marcado não apenas pelo relógio, mas pelos rituais religiosos.

Tais práticas também constroem territorialidades simbólicas, como destaca Haesbaert (2004). Ao referir a igreja ao amanhecer (“De manhã cedo a igreja e o sol a subir”) (O Terno, 2016), o texto associa o rito à renovação — uma geossíntese entre fé, natureza e cotidiano. Essa é uma das formas pelas quais o espaço torna-se vivido e sentido, conforme propõe Tuan (2006).

3.4 Mobilidade, deslocamento e distanciamento

No trecho “Hoje voando em um avião / Senti saudades e olhei para o chão” (O Terno, 2016), a canção invoca a experiência da distância como catalisadora de sentimentos territoriais. A saudade, aqui, não é mera nostalgia subjetiva: ela corresponde a um processo geográfico de reinvestimento simbólico do espaço. Ao olhar para o território do alto, o eu-lírico reinscreve Minas em sua memória emocional, ativando um vínculo latente com aquele espaço — um gesto profundamente territorializante.

Segundo Saquet (2009), o território não é apenas uma materialidade geográfica, mas uma construção relacional que envolve representações, afetos e experiências. Ele se estrutura a partir de processos que articulam dimensões objetivas (como o espaço físico) e subjetivas (como a memória, a identidade e o afeto). Assim, o sentimento de saudade, como ativado na canção, revela um retorno simbólico ao território que transcende a presença física — trata-se de uma forma de “reterritorialização emocional” motivada pelo deslocamento.

Esse fenômeno se inscreve nas escalas do vivido, onde o território é continuamente produzido e reconfigurado pelas práticas e afetividades cotidianas. Quando o eu-lírico vê “as montanhas que nunca viu mais”, ele não apenas recorda; ele ressignifica o espaço, reterritorializando-o no plano da memória e da identidade. Como propõe Saquet (2009), essa articulação entre afetividade e territorialidade revela que o espaço pode ser um lugar de ancoragem identitária mesmo à distância, pois o território permanece na subjetividade dos que dele se distanciaram.

Além disso, o deslocamento aéreo funciona como metáfora da escala: o eu-lírico opera uma transição de perspectiva — do vivido para o observado, do presente para o lembrado. Essa mudança espacial e temporal condensa o que Saquet (2009) identifica como conflitos entre a territorialidade enraizada e os fluxos contemporâneos, que frequentemente desestabilizam os vínculos tradicionais com o lugar. A saudade, nesse sentido, é também forma de resistência: ela reinscreve o afeto no território frente à mobilidade e à dispersão.

Esse deslocamento — do chão ao céu, do presente ao passado — marca também a transição entre o vivido e o imaginado, entre o território concreto e a representação simbólica. Como mostram Malanski (2014) e Vaz (2019), o espaço geográfico é também um constructo mental, onde as emoções, as lembranças e as narrativas interagem para criar territorialidades subjetivas.

3.5 Minas Gerais como mito afetivo

A última estrofe — “Vi as montanhas que eu nunca vi mais / Ó, Minas Gerais” (O Terno, 2016) — remete diretamente à famosa canção popular “Ó Minas Gerais”, símbolo maior do imaginário afetivo estadual (Morais, 2000). A intertextualidade musical aqui atua como reforço do sentimento de pertencimento e identidade. Segundo Vicente et al. (2016), a música é um dos principais veículos de reafirmação da mineiridade, pois combina linguagem sensorial, memória e enraizamento.

Minas é, assim, construída na canção como um mito afetivo: lugar de origem simbólica, de refúgio emocional e de retorno identitário. O lirismo contido na música de O Terno configura o espaço mineiro como território onde o passado permanece vivo — nas imagens do sino, do pão, da colina — funcionando como elemento estruturante da memória afetiva do sujeito. Esse fenômeno se alinha à ideia de “espaço vivido”, desenvolvida por Motta (2003), onde o lugar não é apenas um dado físico, mas um campo de experiência, memória e vínculo emocional.

A representação de Minas no texto musical reforça o pertencimento por laços afetivos e culturais, conforme analisado por Ramalho (2015), que destaca como o relevo, o patrimônio barroco e a tradição religiosa moldam um imaginário regional robusto, capaz de sustentar sentimentos de identidade mesmo entre sujeitos não nascidos no território. Nesse contexto, os símbolos culturais mineiros — como igrejas, montanhas, cafés e vozes — tornam-se marcadores de pertencimento e elo entre passado e presente.

O sentimento de vínculo territorial evocado pela canção é igualmente discutido por Santos e Lima (2020), ao afirmarem que a afetividade com o lugar é composta por práticas vividas, memórias partilhadas e simbolismos que

ultrapassam a materialidade geográfica. Tal como nos relatos dos moradores do Baixão do Pará, o espaço cantado por O Terno se inscreve na subjetividade do eu-lírico como parte do que se é: memória e lar, ao mesmo tempo.

Do ponto de vista sensorial, Bomfim et al. (2016) contribuem para essa análise ao argumentarem que os elementos culturais cotidianos — como a culinária, os sinos, os rituais — funcionam como linguagens simbólicas. Assim, escutar o sino ou saborear um caldo se tornam práticas de pertencimento, e não meras atividades ordinárias. Isso reforça a leitura da canção como performance afetiva de mineiridade: um gesto de reconhecimento do lugar como fonte de sentido e identidade.

Minas Gerais, nesse universo poético, é mais que uma unidade federativa: é território de alma. Um espaço íntimo, moldado pelas vivências do passado e transformado em projeto afetivo de futuro — especialmente para o eu-lírico envelhecido, que revisita suas referências de juventude como forma de reinscrever-se no mundo.

Essa leitura é corroborada pela perspectiva de Motta (2003), ao distinguir entre “espaço vivido” e “espaço pensado”, sendo o primeiro o campo das experiências emocionais e subjetivas. O Terno, ao compor Minas como um lugar que se carrega no corpo e na voz, resgata o espaço vivido e o projeta como matriz simbólica de pertencimento e continuidade.

Em síntese, a canção não propõe uma idealização do progresso ou da modernidade; ao contrário, ela valoriza o ritual, a memória e a permanência. Isso a aproxima das abordagens contemporâneas sobre geografia afetiva, onde o território não é apenas funcional, mas lugar de acolhimento simbólico, de resistência subjetiva e de inscrição das narrativas de vida.

Portanto, Minas, na canção, é paisagem afetiva e morada identitária. Uma espécie de “lar ampliado”, onde as marcas culturais e emocionais constituem sentidos que resistem à padronização da vida contemporânea — e que reafirmam o poder simbólico do território como espaço de afeto, lembrança e esperança.

4. Trânsitos afetivos: pertencimento por vínculo familiar e o caso de O Terno

A construção do pertencimento geográfico não se restringe ao local de nascimento; ela pode emergir de vínculos afetivos, históricos ou familiares com um território. Estudos sobre territorialidade afetiva revelam que o envolvimento emocional com um espaço pode ocorrer a partir de convivência com parentes ou vivências significativas naquele lugar, ainda que sem raízes genealógicas diretas (Abreu, 2015). Essa perspectiva é central para compreender o fenômeno afetivo que mobiliza, por exemplo, Tim Bernardes e a banda O Terno — paulistas de origem, mas com uma conexão muito forte com Minas Gerais, percebida em suas composições, afetos e práticas culturais.

4.1 Vínculos familiares e pertencimento afetivo

Estudos como de Abreu (2015) mostram que espaços frequentados por laços familiares, mesmo que de forma episódica ou informal, podem se consolidar como territórios simbólicos de pertencimento. A convivência com tios, avós ou

amigos de infância em outra cidade ou estado ativa mecanismos de territorialidade que não se baseiam em residência fixa, mas em memória, afeto e continuidade relacional. A família, nesse sentido, funciona como um vetor de ancoragem afetiva, transformando casas de parentes em espaços de referência emocional e identidade. Essa relação cria um "lar emocional", validando o espaço como familiar mesmo quando geograficamente distante ou fora da origem biográfica do sujeito.

Essa perspectiva é reforçada por Lanna e Calais (2020), que, em estudo com jovens mineiros da periferia de Juiz de Fora, evidenciam que o pertencimento territorial pode emergir da experiência cotidiana e afetiva em espaços urbanos, especialmente quando mediados por relações familiares e comunitárias. Assim, mesmo sem raízes genealógicas diretas, o sentimento de "pertencer" a um lugar se firma a partir da convivência, das narrativas compartilhadas e do sentimento de segurança e memória afetiva.

4.2 A presença de Minas no imaginário de paulistas: o Paradigma de Tim der Bernardes e O Terno

Não é incomum que paulistanos, por exemplo, desenvolvam relações intensas com Minas Gerais através de férias em casa de parentes, retiros religiosos, casamentos, batizados ou simples convivência em territórios familiares. Também a presença de música mineira — de Raul Seixas a Milton Nascimento (Rádio Itatiaia, 2024) — pode ampliar essa conexão geracional, alimentando a imaginação por meio da música.

Recentemente, reportagens destacaram que milhares de paulistas se tornaram "mineiros de coração" devido a atividades como férias no interior, casamentos em sítios, hábitos gastronômicos e amizade de infância — muitas vezes compartilhada com avós, tios ou amigos mineiros (Costa, 2012). Essas manifestações demarcam um pertencimento simbólico atrelado a experiências coletivas, afetivas e culturais.

Embora paulistas de origem, Tim Bernardes e seus companheiros de banda (Guilherme d'Almeida, Biel Basile) dedicam parte expressiva de suas interpretações à mineiridade — evidência concreta de um pertencimento simbólico e afetivo ao território mineiro. A música "Minas Gerais" não responde apenas a um interesse estético: é uma reivindicação emocional e geográfica de pertencimento.

De acordo com Ramalho (2015), a construção histórica da mineiridade insere-se em um repertório simbólico que permite a apropriação afetiva por quem, embora não nascido no estado, o vivencia como familiar — seja em casa de parentes, festas religiosas, ou encontros em sertões mineiros. Foi justamente por meio desses viveres cotidianos que Tim e seus colegas internalizaram oficinas sensoriais — como cafés, barulho de sino, colinas e prosa em bares — que agora figuram na letra como expressões de "casa" e "volta".

Destaca-se que a territorialização afetiva manifestada pelo repertório da banda tem paralelo em pesquisas sobre cartografia emocional, especialmente no campo da educação geográfica. Barbosa (2024) apresenta o conceito de mapas afetivos, narrativas pessoais que transformam espaços em territórios significativos por meio de laços emotivos. O caso da banda encaixa-se nesse

modelo: Minas foi mapeada não em mapas oficiais, mas pelas lembranças compartilhadas — construindo um território pessoal que se tornou público através da música.

Há também manifestações sociais dessa apropriação simbólica. Conforme reportagem do site BHAZ (08/04/2025), um bar temático mineiro em São Paulo, chamado “Ó Pro Cê Vê”, viralizou nas redes sociais como exemplo de “gourmetização da cultura mineira”, despertando reações intensas, inclusive críticas de quem se considera “mineiro de alma” (Guasti, 2025). Esse episódio ilustra bem o fenômeno sócio-afetivo, mostrando como a hegemonia cultural pode ser tensionada por grupos que reivindicam autenticidade afetiva sobre espaços simbólicos.

Outro exemplo, circulando pelas redes, conta a história de um apresentador paulista nascido no litoral que, após viver em Minas, declara-se “mineiro de coração” (EPTV Sul de Minas, 2025). Histórias assim comprovam que pertencimento territorial pode se estruturar por inserção emocional, trânsito cultural e vivências intergeracionais — exatamente o que se observa na trajetória de Tim, Guilherme e Biel.

Em síntese, a adoção de Minas como tema central por parte da banda exemplifica a transformação das vivências afetivas em territorialidade simbólica. Minas não é apenas cenário; é lar construído. Essa dinâmica existe em espaços informais — casas, bares, festas — e se reforça no discurso artístico, fortalecendo laços de identidade cultural e sentimental.

4.3 Minas como extensão da casa afetiva

No texto da música de O Terno, o sujeito-lírico constrói Minas Gerais não como uma entidade fixa e estereotipada, mas como uma extensão afetiva de sua trajetória pessoal — expressão recorrente entre migrantes que, embora estabelecidos em outros estados, mantêm laços profundos com o território mineiro. Esse fenômeno é particularmente evidente entre famílias que se deslocaram de Minas para São Paulo ao longo do século XX, mantendo, porém, relações constantes com a terra de origem por meio de visitas, trocas culturais, práticas religiosas e manutenção de vínculos familiares. Como enfatiza Ramalho (2015), essas experiências reforçam a ideia de uma “mineiridade móvel”, na qual o pertencimento simbólico é mais importante que a territorialidade fixa.

Tais dinâmicas são típicas dos processos de territorialização afetiva, nos quais a vivência de eventos marcantes — festas de família, refeições compartilhadas, rituais religiosos — torna determinados espaços centrais na formação da identidade. Barbosa (2024) descreve isso como a criação de “mapas afetivos”, ou seja, estruturas subjetivas e emocionais com as quais o indivíduo codifica espaços do passado como referências de segurança, cuidado e pertencimento. A canção “*Minas Gerais*” projeta exatamente esse tipo de mapa emocional, no qual a memória dos laços vividos ocupa e resignifica o espaço territorial.

Esse vínculo emocional se fortalece mesmo quando a presença física se torna esporádica. Paulistas que visitam Minas durante feriados, casamentos ou festividades tradicionais reativam essas memórias simbólicas — o que reforça uma sensação de pertencimento, mesmo em contexto de não-residência. Segundo

Ramalho (2015), o imaginário construído pela experiência afetiva pode ser mais determinante na constituição do pertencimento do que a própria origem geográfica. Isso explica por que artistas como Tim Bernardes, nascido em São Paulo, conseguem expressar com autenticidade uma relação tão profunda com o território mineiro.

A mídia tem reconhecido esse fenômeno em matérias recentes. Um exemplo é a reportagem publicada pela Revista Bula, que destaca como a cultura mineira conquista corações além das fronteiras estaduais, especialmente entre paulistas que adotam hábitos, valores e afetos compartilhados em Minas. Outro exemplo é o artigo da N3 News, que mostra como o estado passou a ser ressignificado por jovens migrantes e artistas como um lugar de refúgio e autenticidade emocional (N3 News, 2025).

A letra da canção, nesse contexto, é mais do que um testemunho nostálgico: ela se torna uma declaração de pertencimento simbólico, fundamentada em afetos, lembranças e vínculos intergeracionais. Minas Gerais aparece como uma “terra sentida”, mais do que uma “terra habitada” — uma construção subjetiva do espaço onde o afeto ressignifica a geografia.

Assim, é possível compreender que o pertencimento territorial não depende unicamente da naturalidade ou da residência contínua. Ele é também fruto de processos simbólicos e afetivos que, como mostram Ramalho (2015) e Barbosa (2024), atravessam o tempo e o espaço para constituir redes de identidade e significação duradouras.

4.4 Perspectivas geográficas: escalas afetivas e redes familiares

A análise do pertencimento afetivo via redes familiares corresponde a uma escala geográfica emocional que dialoga diretamente com as reflexões de Raffestin sobre territorialidade (1993). O autor expõe que o território se estrutura não apenas por atividades econômicas e políticas, mas também por redes de comunicação, práticas simbólicas e relações interpessoais. Estas dimensões sociais e simbólicas são em grande parte produzidas em escalas íntimas, como a familiar e comunitária (Raffestin *apud* Funi, 2021).

Embora Raffestin enfatize sobretudo o poder e as técnicas estatais, ele igualmente aborda - em textos como *Ecogenèse territoriale et territorialité* (1986) - a territorialidade como algo emergente das interações repetidas e afetivas entre atores mais locais. Essas micro-relações — realizadas nos cafés, nas festas, nas orações e no simples sentar à mesa — produzem malhas emocionais que configuram territórios íntimos, emocionalmente operativos e invisíveis à análise tradicional (Raffestin, 1986).

No caso da canção “*Minas Gerais*”, a descrição do pão com café e do sino tocando ilustra essa microterritorialidade: são gestos, aromas e sons que constroem um território emocional vivido. As redes familiares, compostas por avós, tios, madrinhas ou parentes amigos, funcionam como circuitos afetivos que materializam esse território sensorial, conforme as práticas que Raffestin identifica como parte do processo de “territorialização” cotidiana (Raffenstein *apud* Saquet, Sposito, 2009).

Esses atos aparentemente banais — servir bolo num beco, bater papo na varanda, lembrar de viagens — são tectônicas simbólicas que definem limites e

escalas afetivas. Eles projetam o território para além das fronteiras oficiais, gerando “lugares do eu”, conforme a geografia subjetiva que Raffestin (1986) associa às identidades territoriais. Trata-se de um territorializar em ritmo lento, mediado por laços e memórias, mas potente em efeitos constitutivos da subjetividade.

Além disso, Raffestin aponta que a territorialidade é dinâmico-processual — sujeita a deterritorializações e reterritorializações (Raffestin, 1985). No contexto de Tim Bernardes e de paulistas que ressignificam Minas como lar, isso significa que suas afetividades podem descentrar e recentrar o território emocional. Minas não é apenas visitada; é vivida, apropriada e reacomodada no imaginário pessoal, criando novas territorialidades.

A canção de O Terno performa esse movimento simbólico: Minas é simultaneamente dor informação (visceral e imediata), e reterritorialização (afetuosa, simbólica). Essa reterritorialização serve como gesto de resistência contra a homogeneização cultural, posicionando Minas como espaço de singularidade afetiva — o que converte o território familiar em território poético, emocional.

Em síntese, as “escalas emocionais” e as “redes familiares”, embora pouco visíveis aos mapeamentos tradicionais, ganharam centralidade na geografia crítica contemporânea graças a teóricos como Raffestin. Apontar que pertencimento pode habitar microsferas de convivência — familiares e comunitárias — significa reconhecer que o território também se constitui nos entrelaçamentos afetivos, em práticas e memórias compartilhadas, produzindo territórios de afeto, memória e identidade.

4.5 Contribuição interdiscursiva

Ao associar a escala afetiva ao campo musical, O Terno constrói uma geografia emocional, coerente com os fundamentos da geografia humanista. Tuan (1980) destaca que o espaço se converte em lugar à medida que ele é dotado de significado e afeto. É nessa passagem — de um espaço abstrato para um lugar vivido — que se estrutura a topofilia, ou o amor pelo lugar. A música “*Minas Gerais*”, nesse sentido, manifesta-se como prática topofílica: ela incorpora valores afetivos, memórias e vínculos emocionais que fixam o território na subjetividade do sujeito.

Essa territorialização simbólica também opera pela linguagem. Para Tuan, os significados são atribuídos ao lugar por meio da narração e da evocação, sendo o discurso um mediador central na construção das relações entre sujeito e território. A canção, enquanto discurso estético, funciona como vetor dessa mediação: ao nomear elementos como o sino, o pão com café, a colina e a cidade de Diamantina, o eu-lírico transforma imagens cotidianas em âncoras emocionais. São essas referências sensoriais que dão concretude à experiência geográfica subjetiva — conferindo ao espaço a condição de lar, ainda que distante.

Malanski (2014), por sua vez, enfatiza a percepção e a representação como categorias centrais da geografia humanista. Para ele, a geografia não se limita à análise das formas espaciais, mas deve considerar a forma como os sujeitos percebem e reconstroem simbolicamente esses espaços. A música, nesse contexto, emerge como uma forma de representação espacial não-cartográfica,

mas profundamente afetiva, onde o sujeito reconstrói Minas Gerais a partir de sua experiência emocional. Essa representação não pretende descrever um mapa, mas compartilhar uma paisagem sentida, vivida, reconstruída na memória e no afeto.

Desse modo, a canção não apenas canta um lugar: ela performa um território emocional. As imagens e sentimentos evocados são, como argumenta Malanski, mecanismos de representação simbólica do espaço — um “modo de ver” que se projeta sobre o território e o ressignifica. Trata-se de um discurso que inscreve Minas não apenas como cenário, mas como lugar de pertencimento compartilhado, reconhecido tanto pelo eu-lírico quanto por coletividades que vivenciam vínculos semelhantes.

Assim, ao evocar a experiência sensível do lugar, a música de O Terno aproxima-se das abordagens humanistas por constituir-se como linguagem territorial. Nela, o espaço deixa de ser uma abstração geográfica para tornar-se lugar de memória, de afeto e de construção identitária. É nessa dimensão simbólica que o discurso musical torna-se uma geografia — não representada em mapas, mas inscrita nas experiências, saudades e afetos.

4.6 O que podemos aprender sobre isso?

Dessa forma, mesmo sendo paulistas, Tim Bernardes e O Terno expressam uma matriz de identidade afetiva com Minas Gerais, possível graças aos vínculos familiares e afetivos com o estado. Esse pertencimento é consistente com as dissertações que mostram como a familiaridade, o afeto e as memórias intergeracionais constroem vínculos territoriais genuínos — reforçando que o espaço habitado é também marcado pelas relações interpessoais e emocionais.

A canção “*Minas Gerais*” revela, portanto, que território e pertencimento não se restringem à origem biográfica — mas constroem-se por meio de histórias compartilhadas, afetos familiares e rituais simples, que expressam geoescalas íntimas e intergeracionais tão relevantes quanto o Estado, a Nação ou a Pátria.

Considerações Finais

Este artigo propôs uma análise interdisciplinar entre Geografia e Música, tomando a canção “*Minas Gerais*”, da banda O Terno, como eixo condutor para compreender como o espaço geográfico pode ser representado e resignificado por meio de vínculos afetivos, culturais e simbólicos. Demonstrou-se que, para além das definições territoriais administrativas ou das delimitações cartográficas, Minas Gerais emerge como território de pertencimento emocional, estruturado por memórias, vínculos familiares e representações culturais. A análise revelou que o discurso musical é um potente instrumento de territorialização simbólica, capaz de condensar escalas geográficas subjetivas e históricas em imagens poéticas.

Ao longo do texto, destacou-se a importância das geografias afetivas na constituição do pertencimento. A canção analisa e ativa um espaço geográfico íntimo, onde cafés da manhã simples, colinas familiares, sinos religiosos e viagens de retorno adquirem valor simbólico e identitário. Elementos como o pão, o sino, as serras e os afetos não apenas descrevem o espaço mineiro, mas também

constroem, performam e reafirmam uma geografia emocional. Essa abordagem está em consonância com as contribuições da geografia humanista (Tuan, 1980; Malanski, 2014) e da geografia crítica (Raffestin, 1993; Saquet, 2009), que veem o espaço como produção social e simbólica.

A intersecção entre música, memória e território mostrou-se especialmente relevante na análise do fenômeno de pertencimento de paulistas com Minas Gerais. O caso de Tim Bernardes e da banda O Terno — que, embora paulistas, constroem Minas como território de alma — ilustra como a cultura e a memória podem criar vínculos de pertencimento que não dependem da origem geográfica, mas de experiências afetivas reiteradas. Assim, a canção torna-se não apenas uma manifestação artística, mas um dispositivo geográfico, que territorializa afetos e resgata experiências comuns a muitos migrantes, turistas e descendentes.

Também se evidenciou que o imaginário mineiro não é estático: ele se transforma, ressignifica e tensiona entre tradição e contemporaneidade. As múltiplas representações de Minas — ora como refúgio e interioridade, ora como palco de inovação cultural — revelam que o território é palco de disputas simbólicas e de reinvenções identitárias. O texto musical, ao reconfigurar os signos da mineiridade, colabora para uma nova cartografia afetiva e cultural, mais plural e dialógica.

Conclui-se, portanto, que a análise geográfica da música permite ampliar a compreensão sobre os modos de habitar, imaginar e representar o espaço. O Terno, ao cantar “*Minas Gerais*”, não apenas evoca paisagens, mas territorializa afetos, sugere pertencimentos e projeta memórias. A música se torna, assim, uma ferramenta analítica e sensível para os estudos geográficos, especialmente no campo da geografia cultural e das representações do espaço.

Referências

ABREU, Manuela Muzzi de. **Territorialidade e pertencimento: o olhar local sobre o Parque Estadual do Pico do Itambé, Serra do Espinhaço – MG**. 2015. 174 f. Dissertação (Mestrado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: http://pos.eicos.psicologia.ufrj.br/wp-content/uploads/2015_MEST_Manuela_Muzzi_de_Abreu.pdf. Acesso em: 10 jul. 2025.

ANTUNES, Pedro. O Terno lança disco 'Melhor do que Parece', um pop disfarçadamente feliz. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 26 ago. 2016. Caderno Cultura. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/cultura/musica/o-terno-lanca-disco-melhor-do-que-parece-um-pop-disfarçadamente-feliz/>. Acesso em: 9 jul. 2025.

ARROYO, Margarete. **Mundos musicais locais e educação musical**. Em pauta, Porto Alegre, v. 13, n. 20, p. 92–103, jun. 2002. Disponível em:

<https://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Margaret-Arroyo.pdf>. Acesso em: 9 jul. 2025.

BARBOSA, Andréa Haddad. Mapas afetivos: da minha casa a um lugar que gosto de ir. In: CONEDU – Congresso Nacional de Educação, 10., 2024, Londrina. **Anais...** Londrina: Editora Realize, 2024. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2024/TRABALHO_COMPLETO_EV200_MD1_ID9056_TB1802_22102024174405.pdf. Acesso em: 10 jul. 2025.

BASTOS, Regina Gonçalves; PATROCÍNIO, Winnie Parreira. Representações geo-histórias de Minas Gerais por meio da cartografia. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 30, n. 63, p. 936–955, 2020. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/geografia/article/view/24036/17248>. Acesso em: 9 jul. 2025.

BUDASZ, Rogério (org.). **Pesquisa em música no Brasil: métodos, domínios, perspectivas**. Goiânia: ANPPOM, 2009.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella; JULIASZ, Paula Cristiane Siritto. Educação geográfica e pensamento espacial: conceitos e representações. **Acta Geográfica**, Boa Vista, v. 11, n. 26, p. 160–178, 2017. ISSN 1980-5772. Disponível em: <https://revista.ufr.br/actageo/article/view/4779>. Acesso em: 9 jul. 2025.

CLAVAL, Paul. A geografia cultural no Brasil. In: BARTHE-DELOIZY, F.; SERPA, A. (orgs.). **Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia [online]**. Salvador: EDUFBA; Edições L’Harmattan, 2012. p. 11–25. ISBN 978-85-232-1238-4. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/8pk8p/pdf/barthe-9788523212384-02.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2025.

CORRÊA, Jhonatan da Silva. Geografia cultural: uma breve história. In: WORKSHOP DE GEOGRAFIA CULTURAL, 3., 2017, Alfenas. **Anais...** Alfenas: UNIFAL-MG, 2017. Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/geografia/wp-content/uploads/sites/141/2021/05/historia-36-51.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2025.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. A geografia cultural no Brasil. **Revista da ANPEGE**, Dourados, v. 1, n. 2, p. 97–102, 2005. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/anpege/article/view/6616/3615>. Acesso em: 09 jul. 2025.

COSTA, Daniela. Mineiros de coração. **Revista Encontro**, 13 jan. 2012. Disponível em:

<https://www.revistaencontro.com.br/canal/revista/2012/01/mineiros-de-coracao.html>. Acesso em: 10 jul. 2025.

EPTV SUL DE MINAS. O apresentador Leandro Mata nasceu no litoral paulista, mas já se considera um mineiro de coração! Veja aí #deondeeuim. **Facebook**: vídeo, 5 jul. 2025. Disponível em:

<https://www.facebook.com/jornaldaeptvsuldeminas/videos/o-apresentador-leandro-mata-nasceu-no-litoral-paulista-mas-j%C3%A1-se-considera-um-mi/447950752075141/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

FUNI, Lucas Labigalini. Sobre poder e território na Geografia Política de Claude Raffestin. In: RAFFESTIN, Claude. Por uma geografia do poder. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993. Resenha publicada em: **Revista da Casa da Geografia de Sobral**, v. 17, n. 3, p. 162–165, 2021. Disponível em:

https://www.academia.edu/22687680/TERRIT%C3%93RIOS_E_TERRITORIALIDADES_TEORIAS_PROCESSOS_E_CONFLITOS. Acesso em: 10 jul. 2025.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GUASTI, Isabella. ‘Gourmetização’: bar mineiro em São Paulo viraliza e gera polêmica nas redes sociais. **BHAZ**, 8 abr. 2025. Disponível em:

<https://bhaz.com.br/noticias/gourmetizacao-bar-mineiro-em-sao-paulo-viraliza-e-gera-polemica-nas-redes-sociais/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

MORAIS, José Duda de. **Ó Minas Gerais**. Intérprete: Milton Nascimento. In: Milton. [S.l.]: Warner Music, 2000. 1 disco sonoro. Faixa 10.

MACHADO, Lucas. Cultura e turismo em Minas Gerais: tradição, história e um povo que encanta. **Lagoa News**, 4 abr. 2025. Disponível em:

<https://jornallagoanews.com.br/cultura-e-turismo-em-minas-gerais>. Acesso em: 9 jul. 2025.

MALANSKI, Lawrence Mayer. Geografia humanista: percepção e representação espacial. **Revista Geográfica de América Central**, Heredia, Costa Rica, v. 1, n. 52, p. 29–50, jan./jun. 2014. Disponível em:

<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=451744543002>. Acesso em: 9 jul. 2025.

MOTTA, João H. Transborda à beira da lagoa. **O Tempo**, 11 ago. 2018.

Disponível em:

<https://www.otempo.com.br/pampulha/almanaque/transborda-a-beira-da-lagoa-1.2012152>. Acesso em: 10 jul. 2025.

MOTTA, Marlene François. **Espaço vivido / espaço pensado: o lugar e o caminho**. 2003. 161 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/3098/000381953.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2025.

N3 NEWS. Minas Gerais ressignifica sua identidade cultural. **N3 News**, 21 jan. 2025. Disponível em: <https://n3news.com.br/2025/01/minas-gerais-ressignifica-sua-identidade-cultural/>. Acesso em: 10 jul. 2025.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n. 10, p. 7–28, dez. 1993. Tradução de Yara Aun Khoury. Disponível em: <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://revistas.pucsp.br/revph/article/viewFile/12101/8763>. Acesso em: 9 jul. 2025.

O TERNO. **Minas Gerais**. [S.l.]: Selo RISCO, 2016. 1 faixa sonora. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/o-terno/minas-gerais/>. Acesso em: 09 jul. 2025.

O TEMPO. Minas vai promover religiosidade, natureza, barroco e cozinha mineira na BTL Lisboa. **O Tempo**, 11 mar. 2025. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/turismo/2025/3/11/minas-vai-promover-religiosidade-natureza-barroco-e-cozinha-mineira-na-btl-lisboa>. Acesso em: 9 jul. 2025.

RÁDIO ITATIAIA. Perfis: histórias de mineiros de coração. **Rádio Itatiaia**, 19 maio 2024. Disponível em: <https://www.itatiaia.com.br/brasil/2024/05/19/perfis-historias-de-mineiros-de-coracao>. Acesso em: 10 jul. 2025.

RAFFESTIN, Claude. Écologie générale et écologie humaine. **Cahiers géographiques**, Genève, n. 1, 1985.

RAFFESTIN, Claude. Ecogenèse territoriale et territorialité. In: AURIAC, F.; BRUNET, R. (orgs.). **Espaces, jeux et enjeux**. Paris: Fayard; Fondation Diderot, 1986. p. 175–185. (Nouvelle Encyclopédie des Sciences et des Techniques).

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

RAMALHO, Walderez Simões Costa. **A historiografia da mineiridade: trajetórias e significados na história republicana do Brasil [manuscrito]**. 2015. 170 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-9Y7HW9> . Acesso em: 9 jul. 2025.

REVISTA NOIZE. NOIZE Record Club apresenta: O Terno, “Melhor Do Que Parece”. **Noize**, 26 abr. 2017. Disponível em: <https://www.noize.com.br/nrc-7-vinil-do-terno-melhor-do-que-parece>. Acesso em: 9 jul. 2025.

ROSSATO, Arno; GORDON, André; SANTOS, Luiz Fernando (orgs.). **Metodologias de pesquisa em Geografia**. Ijuí: Unijuí, 2007.

SÁ, Juliana Veloso. Margens da arte contemporânea: um estudo de caso em Inhotim (Minas Gerais). **Revista Síntesis**, v. 5, n. 1, p. 130-144, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Synthesis/article/view/21213> . Acesso em: 9 jul. 2025.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO, Eliseu Savério (orgs.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular; Presidente Prudente, 2009.

SILVA, Christian Nunes da; CARVALHO, João dos Santos. A representação espacial e a linguagem cartográfica. **Revista GEOMAE: Geografia, Meio Ambiente e Ensino**, Campo Mourão, PR, v. 2, n. 2, p. 85–106, 2º sem. 2011. ISSN 2178-3306.

SILVA, Christian Nunes da. **A representação espacial e a linguagem cartográfica**. Belém: GAPTA/UFPA, 2013.

SOBOTA, Guilherme. Estadão + Música | O Terno encerra o ciclo do disco 'Melhor do que Parece'. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 19 dez. 2018. Caderno Cultura. Disponível em:

<https://www.estadao.com.br/cultura/musica/estadao-musica-o-terno-encerra-o-ciclo-do-disco-melhor-do-que-parece/> . Acesso em: 9 jul. 2025.

SWYNGEDOUW, Erik. Neither Global Nor Local: ‘Glocalization’ and the Politics of Scale. In: COX, Kevin (ed.). **Spaces of Globalization: Reasserting the Power of the Local**. New York; London: Guilford Press, 1997. p. 137–166.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo; Rio de Janeiro: DIFEL, 1980.

VAZ, Caroline Bulhões Nunes. Representação: entre modos do geográfico. **Situação Geográfica**, Salvador, v. 2, 2019. Disponível em: https://bf061ecd-9510-4d1e-b11f-dbbe190ab7b.filesusr.com/ugd/b5ef78_cbebfdaec1dc40f3b1a07a19dba8d70b.pdf. Acesso em: 9 jul. 2025.

VICENTE, Vanessa Carolina; BOMFIM, Filomena Maria Avelina; GOUVÊA, Laura Vaccarini. A culinária mineira: signo da identidade cultural de Minas Gerais. **Razón y Palabra**, México, v. 20, n. 4_93, p. 1–25, out./nov. 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1995/199547464030.pdf>. Acesso em: 9 jul. 2025.

VIVA MINAS. Ministério da Cultura e Cemig apresentam: mostra “Estado da Arte” – o imaginário mineiro em exposição sensorial. **Viva Minas**, 27 maio 2025. Disponível em: <https://vivaminas.com.br/ministerio-da-cultura-e-cemig-apresentam-mostra-estado-da-arte-o-imaginario-mineiro-em-exposicao-sensorial/> . Acesso em: 09 jul. 2025.

WERKEMA, Mauro. Natureza e cultura, patrimônios que distinguem Minas. **O Tempo**, Belo Horizonte, 12 mar. 2025. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/opiniao/2025/3/12/natureza-e-cultura-patrimonios-que-distinguem-minas> . Acesso em: 10 jul. 2025.